ENVIADO POR
Irmgard

ON
01/07/2015

★ ★ ★ ★ ★
Keine Stimmen

Compromissos – Nunca pregue valores



No esporte de hoje: é possível transmitir valores nobres ou deixar os jovens à mercê do destino? Uma análise crítica com Ludwig Hasler, professor universitário de Filosofia e Teoria da Mídia e jornalista.

Nunca pregue valores

Que associação o termo "compromissos" desperta em você? Ludwig Hasler: Associações contraditórias. Por um lado, o esporte precisa desses acordos normativos se quiser preservar seu antigo papel idealista de um "mundo alternativo": ou seja, saúde, jogo limpo e justiça no desempenho, em vez do duelo "darwinista". Por outro lado, o esporte real foge desse ideal encantador – em algum lugar entre a erotica do movimento e o prazer primitivo de ser o mais forte, entre a habilidade física e a brutalidade da competição...

Isso torna o trabalho com atitudes fundamentais ainda mais desafiador. Como despertar o entusiasmo das crianças e dos jovens por isso? Crianças e jovens se entusiasmam com muitas coisas assim que percebem que isso é do seu interesse. Essas atitudes e valores precisam, portanto, trazer-lhes algum benefício – pelo menos uma sensação positiva. Isso é mais fácil de transmitir nos esportes coletivos: lealdade, sem faltas graves, um por todos – isso aumenta o espírito de equipe. O que, por sua vez, eleva a autoestima de cada um ("sou indispensável, sou reconhecido"). E, com a autoestima, cresce o sucesso esportivo. Certamente é uma tarefa difícil despertar esse interesse. É mais provável que se consiga quando os valores são transmitidos de forma plausível como um ganho para a vida e um estímulo ao sucesso. Pelo amor de Deus, nunca pregue valores em vez de sucesso!

Enquanto o esporte não se transformar em circo, ele se sustenta por meio de valores.

Por que são necessários valores comuns no esporte? Enquanto o esporte não se transformar em circo, ele se sustenta por meio desses valores. Se os velocistas se enchem de anabolizantes, eles arruínam – além de sua saúde – também o esporte. A comparabilidade dos desempenhos é o alfa e o ômega do esporte moderno. Se não for mais o melhor quem vencer, mas aquele que tem a melhor empresa farmacêutica, toda a base do esporte desmorona. Trata-se de esporte, não de ser bem-comportado ou gentil. Não precisamos falar muito sobre "ética". Basta compreender o "egoísmo mútuo": se pratico esporte, devo buscar valores como a abstinência de drogas, a justiça e o respeito às regras, no sentido da igualdade de oportunidades.

Os compromissos devem ser definidos em conjunto por todos. Que valor têm, para você, acordos elaborados por um pequeno grupo interessado em nome de toda a equipe? O que é decisivo é a composição desse grupo. Se surgirem propostas bem-intencionadas vindas de um clube de "bons meninos" ou de pessoas mais fracas, os outros simplesmente zombam. Fica claro, então,

que o compromisso tem como objetivo proteger os mais fracos. Isso nunca funciona em condições reais.

Na minha função anterior como chefe de redação, eu sempre escolhia alguns “líderes” e, além disso, um ou dois “rebeldes notórios”. Com esse grupo, eu então mandava elaborar um estatuto editorial – um acordo sem vinculação jurídica estrita, ou seja, uma espécie de compromisso. Na maioria das vezes, as propostas eram aprovadas sem problemas. O importante, portanto, é envolver os chamados “desordeiros” desde o início.

Que sugestões você daria a instrutores esportivos voluntários para que se preparem para o desafio de acordos coletivos? Hoje em dia**,** é fácil exagerar nesse aspecto de coletividade e democracia de base. É fundamental que os compromissos não sejam impostos de fora. No entanto, os jovens querem um “líder”. Um amigo me contou como, quando era professor do ensino fundamental II, assumiu uma turma que já havia feito dois professores desistirem. No primeiro dia de aula, ele deu as seguintes instruções por escrito à turma: “Tragam bicicleta, tênis de corrida e calção de banho. Vamos fazer um triatlo.” Quando chegou a hora, ele cumprimentou cada um individualmente, informou brevemente sobre a programação do dia e partiu à frente de bicicleta. Os meninos travessos o seguiram – e assim continuaram todos os dias seguintes na escola. Eles haviam encontrado seu chefe.

O exemplo serve para ilustrar o seguinte: de um grupo sem liderança nunca surgem compromissos sólidos. Primeiro, o grupo precisa se transformar em um grupo de interesse — ou seja, ser liderado —; só então os jovens podem se tornar autônomos e desenvolver iniciativas que beneficiem o grupo.

Existe um “caminho de aprendizagem” para a construção conjunta de atitudes e valores? O “caminho de aprendizagem” funciona melhor por meio de experiências negativas. Há uma bela frase dos tempos antiautoritários de 1968: no jardim de infância, as crianças cumprimentavam a professora pela manhã com a pergunta desesperada: “Senhorita, hoje temos que brincar de novo do que quisermos?” O humor da pergunta deixa claro: ter que escolher e decidir por conta própria o tempo todo é um fardo, um tormento, uma sobrecarga. Esse excesso de exigências, em meio ao caos de valores e atitudes, um grupo precisa ter vivenciado – só então ele valoriza o alívio que a obrigação traz.

Os compromissos podem complementar regras, regulamentos escolares, contratos de aprendizagem etc., mas não substituí-los. Como você vê essa função complementar? Ambos são regras. As primeiras vêm “de cima” – da direção da escola ou dos empregadores –, enquanto os compromissos vêm “de baixo”. Com eles, os jovens experimentam pela primeira vez a sensação de estabelecerem suas próprias regras. Eles percebem isso como um estímulo para criarem, por conta própria, um comportamento coletivo. Ao mesmo tempo, também vivenciam isso como um fardo: assumir a responsabilidade pela vida em grupo.

Do ponto de vista funcional, imagino a complementaridade entre regulamentos e compromissos como a “identidade corporativa” nas empresas. No futebol, todos jogam de acordo com as regras ditadas pela FIFA. Os juniores do FC Herisau, porém, concordam em nunca dar uma entrada deliberada na canela de um adversário. E isso não como uma nobre ética de abnegação, mas como um compromisso que define sua identidade: “Não precisamos derrubar os outros a ponto de mandá-los para o hospital; ganhamos mesmo assim. Somos especiais!”

Para que os acordos tenham efeito duradouro, eles devem ter sido firmados voluntariamente. Mas o que fazer quando os compromissos não são cumpridos? Para esses casos**,** são necessários rituais. O grupo – e não a treinadora – deve deixar claro ao infrator que, com seu comportamento, ele mesmo se excluiu do coletivo. Dependendo da gravidade da infração, o grupo deve decidir por uma punição (suspensão, trabalho comunitário como reparação). É claro que isso só funciona se tais punições e suas medidas forem definidas previamente, se tiverem sido aprovadas em conjunto com o compromisso.

Nunca pregue valores

Referências:

Conteúdo: Jugend+Sport, mobile 1, dezembro de 2004, COMMITMENTS

Autor: Ralph Hunziker

direitos autorais: www.mobile-sport.ch

Imagem: www.juropa.net

Weitere Informationen

Categorias
Gestão e Pedagogia

Tags
Esportes
Valores
Grupo de jovens
Filosofia
Pedagogia

Idade
13 a 16 anos
a partir dos 16 anos

Número de participantes
Não há dados disponíveis.

Bíblia
Essa informação está faltando.

Duração
Não há dados disponíveis.

Terreno / arredores
Cidade

Material
Quase sem esforço

Download de arquivos
Download do arquivo disponível

KI Generierter Inhalt
Conteúdo
Categorias
Tags
Idade
Número de participantes
Bíblia
Duração
Terreno / arredores
Material

© YoungstarsWiki | https://youngstarswiki.org/pt-br/wiki/art/compromissos-nunca-pregue-valores